

**REFLEXÕES SOBRE A SITUAÇÃO EXPERIENCIADA PELOS GUARANI
NHANDEWA DA TEKOA YWY PORÃ PERANTE A PANDEMIA DO NOVO
CORONAVÍRUS E O ISOLAMENTO SOCIAL COLETIVO**

***Reflections about the situation experienced by the Guarani Nhandewa of
Tekoa Ywy Porã in the face of the coronavirus pandemic and collective
social isolation***

Angélica Ferreira Camargo / Kunhã Itawidjú

Indígena da etnia Guarani Nhandewa moradora da Terra Indígena Tekoa Ywy Porã (Posto Velho).
Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte do
Paraná/UENP, Brasil.

Email: ferreiraangelica56@gmail.com

Patrícia Carola Facina

Graduada na licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina.
Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande. Doutoranda do
Programa de Pós-Graduação de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Email: patriciacfacina@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p. 39-47, outubro 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Este ensaio busca apresentar situações experienciadas pelos agrupamentos familiares da Tekoa Ywy Porã (PR) em meio à pandemia atual do novo coronavírus, traçando um paralelo inicial com as situações históricas pela qual passaram, assim como com a memória da epidemia de febre amarela de 1930. As reflexões apresentadas foram realizadas com base em conhecimentos adquiridos através da vivência de uma das autoras, indígena, como Guarani Nhandewa desta Tekoa, e da experiência de campo da autora não indígena nesta mesma localidade. Podemos observar com base nestes diálogos a repetição de uma política ineficiente para com as especificidades étnicas e de agrupamentos indígenas em caso de doenças virais, o que causa enorme preocupação com a possibilidade de uma repetição de quadros de genocídio; e a prática, como estratégia perante isso, do isolamento social coletivo pautado no fortalecimento espiritual.

PALAVRAS-CHAVE:

Coronavírus. Isolamento social coletivo. Guarani Nhandewa. Retomada.

ABSTRACT:

This essay seeks to present situations experienced by family groups of Tekoa Ywy Porã (PR) in the midst of the current pandemic of the coronavirus, drawing an initial parallel with the historical situations which they went through, as well as the memory of the yellow fever epidemic of 1930. The reflections presented were based on knowledge acquired through the experience of one of the authors, indigenous, such as Guarani Nhandewa of this Tekoa and the field experience of the non-indigenous author in this same location. Based on these dialogues, we can observe the repetition of an inefficient policy towards ethnic specificities and indigenous groups in the case of viral diseases, which causes enormous concern about the possibility of a repeat of genocide, and the practice, as a strategy in this regard, the collective social isolation based on spiritual strengthening.

KEYWORDS:

Coronavírus. Collective social isolation. Guarani Nhandewa. Resumed.



A Tekoa Ywy Porã (TYP) localiza-se no norte do Paraná, no município de Abatiá. É uma terra de retomada, que está em um processo de ocupação desde 2005¹ por agrupamentos familiares Guarani Nhandewa², tendo sido morada de seus antepassados até a década de 1960, aproximadamente³. A luta do agrupamento familiar⁴ da TYP é pela demarcação de 1.238 hectares (ha) de terras. Porém, hoje, estes têm a garantia de usufruto de uma parcela de 7,5 ha, cedida por meio de processo judicial ocorrido em 2006, em resposta à situação de risco pela qual estavam passando, a partir dos conflitos com os fazendeiros localizados ao redor da TYP, visto que o local ocupado atualmente é cercado por estas fazendas. Além de este território ser diminuto, a área própria para realização de plantios e moradia é próxima a 3 ha, situação que dificulta as garantias de viver com agricultura de subsistência e renda advinda da produção da TYP.

Neste ano de 2020, a Tekoa Ywy Porã completa quinze anos de resistência para garantir a legalização do território. No entanto, neste momento o que causa maior preocupação e atenção dos indígenas da comunidade é a garantia da saúde de todos, visto que, novamente, foram expostos a um vírus trazido pelos não indígenas, denominado novo coronavírus, causador da doença covid-19, sendo a dificuldade respiratória um dos sintomas mais graves, podendo levar a óbito. Esse novo vírus pode, mais uma vez, causar a dizimação de povos indígenas, uma vez que são os mais vulneráveis, levando em consideração o porte que a pandemia atingiu, já que as doenças respiratórias são ainda hoje, mesmo antes da pandemia, a principal causa da mortali-

¹ No dia 5 de dezembro de 2005, cerca de 27 famílias nucleares da etnia Guarani Nhandewa, até então moradores da Terra Indígena Nara'í, mais conhecida como Terra Indígena Laranjinha, localizada na cidade de Santa Amélia, no Paraná (PR), fazem a retomada de seu território tradicional, onde estão enterrados seus antepassados, o qual denominam como Posto Velho (cerca de 12km da T.I Laranjinha, território pertencente ao município de Abatiá-PR), devido à implantação do Posto de Atração Krénu pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) na década de 1930.

² Os Guarani Nhandewa pertencem ao tronco linguístico tupi-guarani, dentre o qual o guarani se ramifica em três subgrupos; o Mbya, Kaiowá e Nhandewa. Aqui utilizaremos a grafia de uso comum entre os Nhandewa da TYP.

³ Esta informação nos é dada pelos mais velhos da TYP, os quais narram a época em que seu Bertolino caçou a última anta na mata perto do Rio Laranjinha na década de 1960. A data não é precisa, porém pelos cálculos realizados com base nos acontecimentos e nascimentos esta é a estimativa.

⁴ A população atual da TYP é de aproximadamente 70 pessoas, distribuídas em 17 unidades habitacionais, formando um agrupamento familiar. A etnia majoritária é a Guarani Nhandewa, tendo também entre sua parentela casamentos com Guarani Mbya, Kanhgág, e Xetá, os quais compõem juntos a retomada e as estratégias em busca do viver bem atual neste território.



dade infantil entre os povos indígenas, destacando que viroses e epidemias causaram genocídio em muitas populações indígenas⁵.

Acerca disso, é válido ressaltar que, antes da Tekoa Ywy Porã ser retomada, quando o território era ainda reconhecido como Posto Krénau, do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), ocorrera um surto de febre amarela que levou, principalmente, os Kanhgág que habitavam as terras, junto com os Guarani Nhandewa, à morte. Estes relatos são presentes na memória dos Guarani Nhandewa e Kanhgág da região, visto que seus parentes foram diretamente afetados por este contágio. Kunhã Tudja⁶, que viveu naquela época no Posto, relatou⁷ que quando a doença da febre amarela chegou ao território, causou a dizimação do povo Kanhgág que dividia aquele território com os Guarani. Conta ela que os indígenas, no seu estado febril, um dos sintomas do vírus, manifestavam delírios pelo misto de frio e calor que sentiam. Na tentativa de parar com aquela angústia causada pela febre, se jogavam de um penhasco em direção ao rio e, na sua visão, com o impacto da água e com choque térmico causado pelas temperaturas opostas, acabavam morrendo. Concluiu ainda ressaltando que daquele território habitado por mil indígenas da etnia Kanhgág; após esse surto, sobreviveram apenas três mulheres e um homem. Este acontecimento, além da profunda perda social ocasionada a toda a parentela, também desencadeou uma desocupação do território, forçada pelo Estado para com os Guarani Nhandewa e Kanhgág, os quais tiveram de deixar a localidade se deslocando para outros territórios indígenas, devido à febre amarela e aos loteamentos da região por parte de companhias de terras do norte do Paraná⁸.

Todavia, este processo não se deu somente pela doença em si, sendo necessário elencar a participação de órgãos governamentais, tendo em vista que o diminuto território no qual foram forçados a viver e dividir entre ambas as etnias, com intuito

⁵ Como destaca o debate encontrado no site www.cimi.org.br do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), acerca da pandemia e os povos indígenas.

⁶ Palavra em Guarani Nhandewa que está relacionada a mulher indígena mais velha.

⁷ O relato foi me dado [Angélica] por meio de uma conversa com essa indígena Guarani Nhandewa que viveu naquela época. Quando procurada para dar seu depoimento sobre a situação dos indígenas com as novas epidemias relembrou quando viveu o primeiro contato com a epidemia no seu território.

⁸ O que podemos entender sobre o viés da *situação histórica* a partir do *processo de territorialização* cunhado por João Pacheco de Oliveira (1988).



de que os Nhandewa “civilizassem” os Kanhgág, foi uma medida de implementação do *grande cerco da paz*⁹ pelas políticas do SPI (LIMA, 1995), o que maximizou os efeitos da febre amarela naquele contexto.

Infelizmente, a realidade de diminutos territórios persiste até os dias atuais implicando em duas outras questões problemáticas e que se acentuam no momento da pandemia do novo coronavírus no Brasil. O pequeno território de 7,5 ha não possibilita um *viver bem* em equilíbrio com a caça, pesca, coleta de ervas, dentre outras formas cotidianas antes utilizadas pelos Nhandewa para manutenção de sua organização social, impedindo que estes possam manter seu modo de viver apenas a partir de seu ambiente territorial. Essa impossibilidade, por sua vez, ocasiona uma nova situação, uma busca cotidiana pela sobrevivência marcada por deslocamentos para trabalhar em estufas de fazendeiros da região e para a realização de compras e afazeres no centro urbano das cidades que os circundam. Logo, estes deslocamentos, necessários para a manutenção do *viver* da população da TYP, colocam imediatamente a impossibilidade de manter-se integralmente dentro do território neste período de pandemia, no qual a principal indicação dos órgãos de saúde para que a doença não se prolifere é o isolamento social. Com isto, percebemos que falar sobre a garantia de saúde básica para as comunidades indígenas é um desafio, sendo necessário olhar para especificidades de agrupamentos familiares ao debater políticas públicas e campanhas de saúde. Todavia, o que observamos é um enorme descaso por parte do Estado para com estas situações.

Na especificidade da Tekoa Ywy Porã, o surgimento desse novo vírus vem causando medo, angústias e inseguranças com o *bem-estar* de todos, assim como vem ocasionando um movimento de conscientização por parte de lideranças e universitários da área de saúde na comunidade. O primeiro contato com a notícia acerca da pandemia veio através das mídias sociais, e logo depois foi reforçada pela equipe de saúde da comunidade, que é composta por uma única técnica de enfermagem não indígena e um agente de saúde indígena. Inicialmente, a leitura da pandemia foi

⁹ O *grande cerco da Paz* consistiu em uma política do SPI com objetivo de manter a vigilância, ao mesmo tempo cortando a liberdade de circulação da população indígena, cercando-os, no sentido literal da palavra, em termos de mobilidade, onde desempenhavam a implementação de catequese com objetivo de “civilizar” os povos indígenas, assim como a iniciação à mão de obra, disciplinarização corporal etc. que podem ser melhores compreendidos com Lima (1955).



como algo distante da realidade, uma vez que ainda não tinha nenhum caso suspeito ou confirmado nos municípios vizinhos; logo, nesse momento, houve medidas para controlar a entrada e saída de indígenas e não indígenas na comunidade de forma flexível.

Entretanto, com o aumento gradativo nos casos de contaminação entre os indígenas, a nível nacional, e entre os não indígenas dos municípios vizinhos, houve recomendações da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) para que os indígenas não saíssem de suas aldeias, modificando a situação de flexibilização. Todavia, nenhuma assistência¹⁰ foi tomada por parte do órgão, ou pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), seja de conscientização mais eficaz, seja de recursos básicos, como entrega de máscara, álcool em gel, e até mesmo recursos financeiros e cestas básicas – para ser possível o não deslocamento às cidades. Sendo assim, a comunidade decidiu se mobilizar de forma coletiva e arrecadar o que podia para que fosse possível comprar itens básicos de higienização e prevenção ao coronavírus. Desta forma, cacique e lideranças, juntamente com a equipe de saúde da comunidade, estão fazendo o papel dos órgãos responsáveis por atender as áreas indígenas, buscando conscientizar toda a comunidade para evitar os deslocamentos, designando duas lideranças para realizar as compras de mantimentos, pagamento de contas, entre outras demandas que são realizadas por meio do deslocamento a Santa Amélia¹¹, para toda a comunidade¹².

Como foi dito, o isolamento nesse momento é a única medida eficaz para a não proliferação do vírus, porém quando trata-se de populações indígenas, e em especial

¹⁰ Desde o início da pandemia a TYP recebeu de suporte da SESAI para combater o coronavírus, apenas uma caixa de máscara, uma caixa de luvas, um vidro de álcool em gel, alguns aventais e panfletos informativos encaminharam vários para o e-mail da enfermeira responsável, no entanto, ficaria a cargo da mesma retirar do próprio bolso, para imprimir e distribuir para a comunidade.

¹¹ Os municípios vizinhos como Abatiá, Cornélio Procópio e Bandeirantes já apresentavam casos suspeitos do coronavírus. Foi permitido circular apenas por Santa Amélia que até o momento não apresenta nenhum suspeito, para realizações de atividades essenciais, como compras de mantimentos, recebimento de salários e pagamentos de contas, serviços que julgou serem essenciais no momento.

¹² Uma estratégia realizada pela comunidade para que não indígenas (não moradores da TYP) tivessem contato com a comunidade foi realizar uma barreira para fechar as entradas que dão acesso a TYP. No entanto houve represália dos fazendeiros que utilizam a mesma estrada – embora teriam outros meios de chegar em seus sítios/fazendas sem passar necessariamente por esta estrada, que fica estritamente perto das casas da TYP. Em um ato de total desrespeito com a comunidade e uma forma de opressão, retiraram a barreira, acentuando a exposição da comunidade aos riscos de contágio.



para a TYP, o isolamento operado é coletivo¹³, à diferença do comumente pautado nas mídias sociais que lemos como individual, que opera uma lógica de que cada família, sob um mesmo teto, se isole de outras famílias que vivem em outras habitações, ou seja impedindo – pelo menos na orientação – qualquer deslocamento entre lugares.

Esta recomendação do isolamento social “individual” coloca diretamente em cheque duas importantes facetas do modo de organização social dos Guarani Nhandewa: o *Nhandereko*, modo de relacionar-se com o ambiente em sua totalidade e compor com isso sua identidade e espiritualidade, seu modo de ser; e o *Oguata*, expressão da mobilidade territorial Guarani, de suas visitas a parentes e caminhadas rumo à *Terra sem Males*. Sendo assim, o modo de ser Guarani Nhandewa, aqui centralizados na realidade da Tekoa Ywy Porã, está estritamente relacionado a um viver em comunhão; é a partir da comunhão dos espaços, histórias, comidas, do caminhar junto, que perpassa a concepção de identidade entre os Guarani Nhandewa da TYP. Com isso, como estratégia de manter-se fortalecido em coletividade, um dos elementos principais acionados pela comunidade está focalizado no fortalecimento espiritual, por meio tanto das rezas na *Oy Gwatsu* como das rodas de conversas diárias que surgem espontaneamente nos espaços em comum e varandas das casas de lideranças e mais velhos. E, na busca de um isolamento social coletivo dentro dos agrupamentos familiares que ali residem, restringiram a mobilidade entre aldeias, entre casa de parentes de outras localidades, situação que, como vimos, altera diretamente o *Oguata*. Um exemplo importante no momento é o fato de que a realização dos *Mbora’i*¹⁴ (cânticos sagrados) na *Oy Gwatsu* contava com a presença de jovens Guarani da T.I Laranjinha, que agora estão impossibilitados de tal circulação.

Com isso, observamos que a forma de se identificar no espaço, enquanto indígena desta comunidade, perpassa necessariamente um estar junto da comunidade e

¹³ Durante o Acampamento Terra Livre (ATL) *online* de 2020, evento organizado e voltado aos povos indígenas que ocorre todo o ano, desde 2003, no mês de abril em caráter presencial em Brasília e que esse ano, devido à pandemia do coronavírus, foi realizado online, ouvimos relatos de diversos povos manifestando como estão enfrentando a pandemia utilizando o máximo de esforços para proteção da comunidade, ao passo que possam continuar desempenhando seus meios de organização social com base na coletividade entre os grupos domésticos que compõem cada aldeia.

¹⁴ Para os Guarani Nhandewa da TYP não existe uma denominação para a realização dos cânticos sagrados a *Nhanderu*, quando vão à casa *Oy Gwatsu* chamam os demais com uma expressão no seu idioma, *Dja’a Porai Nhanderu Upe* (vamos cantar para *Nhanderu*).



de seu agrupamento familiar extenso. Neste sentido podemos ressaltar que o isolamento social no sentido nuclear/individual não condiz com a realidade e com o *modo de ser* (*Nhandereko*) Guarani Nhandewa, uma vez que a própria construção identitária é coletiva.

Por fim, reconhecemos que a forma em que a campanha de prevenção ao vírus vem sendo debatida não leva em consideração a especificidade étnica das mais de 305 etnias indígenas brasileiras, a qual deveria ser considerada do ponto de vista das diferenças entre agrupamentos indígenas, assim como das especificidades de cada território que, como vimos no caso da TYP, manifesta-se até mesmo na dificuldade em operar o isolamento social coletivo da forma como desejam, tendo em vista o diminuto território e sua proximidade, além dos desrespeitos de fazendeiros ao seu redor. Logo, pesquisar sobre a pandemia do coronavírus e como ela atravessa os povos indígenas deve perpassar um leque de especificidades socioeconômica, cultural, ecológica e política.



REFERÊNCIAS

LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Um Grande Cerco de Paz**: poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes: 1995.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **“O Nosso Governo”**: Os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo/Brasília: Editora Marco Zero/MCT-CNPq, 1988.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito para publicação em: 20/06/2020

